

SESSÃO DE ABERTURA

Realizada dia 29 de março de 1992, no Auditório Nobre do Palácio dos Bandeirantes.

Pronunciamentos:

José Luiz Timoni - Diretor Geral do Instituto Florestal e Presidente da Comissão Organizadora

Alaôr Caffé Alves - Secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo; Presidente do 2º Congresso Nacional sobre Essências Nativas; Representante do Governador Luiz Antônio Fleury Filho.

CONTRIBUIÇÃO DE SÃO PAULO PARA A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

José Luiz TIMONI¹

O 2º CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS surge num momento raro da vida mundial: pela primeira vez na Humanidade todos os Chefes de Estado concordam que o direito à vida é o direito do qual emergem todos os outros. Fala-se, até, em favor de uma nova autoridade institucional nas Nações Unidas, capaz de lidar com os problemas do aquecimento do planeta e da destruição da camada de ozônio, bem como da destruição da biodiversidade.

A Secretaria Geral das Nações Unidas elabora desde Genebra uma série de 15 documentos a serem apresentados em junho próximo na Rio-92, mas sabe-se que as negociações avançam penosamente.

A nova ordem institucional depende de iniciativas concretas dos países ricos e, entre estes, os mais poderosos relutam em alterar as regras do jogo.

Segundo o historiador uruguaio, Eduardo Galeano, este fato consiste em "que na divisão de trabalho entre as nações, algumas delas especializam-se em perder e outras em ganhar". Essa divisão de trabalho relegou aos pobres o papel de eterno perdedor e uma mudança de regras pressupõe a valorização do que estes países pobres, como o nosso, possuem de mais precioso e vital: as nossas florestas, verdadeiras bibliotecas da vida.

Nesse aspecto, infelizmente, muito esforço terá de ser feito, pois hoje não mais de 1.500 cientistas do mundo inteiro estão aptos a catalogar e descrever organismos tropicais. Enquanto isso, sabe-se que em menos de um século, o desaparecimento de espécies pode igualar ou mesmo ultrapassar as grandes extinções do fim do período cretáceo, há 65 milhões de anos.

Temos de travar uma corrida contra os ponteiros do relógio do holocausto da biodiversidade. Se não lutarmos por urgentes medidas destinadas a capacitá-los, para decifrar as obras-primas existentes em nossas bibliotecas naturais, certamente continuaremos a ser os derrotados.

O avanço da biotecnologia dispara no primeiro mundo, permitindo o florescimento da indústria mais próspera do momento, ou seja, a da catalogação, identificação e incorporação do gene dos ecossistemas primitivos à mesa, farmácia e avanços da Humanidade. Tudo isso, a preços inacessíveis para os países oprimidos, pelo efeito devastador da combinação, de dívidas externas pesadíssimas, quedas nos preços das exportações, e um vôo ascendente do capital rumo ao Norte.

Dentro do Projeto SP-ECO-92 do Governo do Estado de São Paulo executado pela Secretaria do Meio Ambiente, o 2º CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, irrompe como uma iniciativa destinada a acelerar a conservação e incorporação dos clássicos de nossas bibliotecas ao dia-a-dia de nossa população. Também, de obter caminhos estratégicos

que possam viabilizar a transferência de ciência e tecnologia do primeiro mundo para o nosso.

Na corrida contra os ponteiros, o Governo de São Paulo saberá utilizar as conclusões e recomendações dos mais de 200 trabalhos científicos e dos debates das mesas redondas, para forçar os países desenvolvidos a assumirem suas responsabilidades, com os "serviços" até aqui gratuitos que lhes prestamos, pois, além de lar da biodiversidade que resta à Humanidade, nossas florestas também funcionam como reguladoras de climas, conservadoras da composição gasosa da atmosfera, protetoras dos mananciais, supridoras de água e representando em última instância o grande empório sem dono de recursos genéticos que deram a essa mesma Humanidade a própria base da civilização, incluindo plantas de cultivo e animais domésticos.

O Instituto Florestal sente-se avontade para organizar um Congresso sobre Conservação da Biodiversidade, pois há um século o naturalista sueco Alberto Löefgren, fundador do órgão, já sucumbia aos fascínios da biodiversidade tropical. Quando pela primeira vez Löefgren entra no coração da Mata Atlântica Paulista, sua sensação é de caos.

Como ele próprio relata, "as árvores não deixam enxergar a floresta". Acostumado ao aspecto ordenado das florestas européias, à monotonia dos carvalhos e pinheiros, espanta-se com a exuberância de uma natureza aparentemente confusa. Mas pouco a pouco, vai percebendo aquela revelação divina. Entende que aqui está o berço da biodiversidade e que há uma relação de causa e efeito naquele ecossistema complexo.

Quando a missão sueca termina seu trabalho no Brasil, Löefgren recusa-se a voltar à sua terra natal. Entende que os museus europeus colecionam apenas pálidas múmias da biodiversidade tropical, incapazes de expressar sua real dimensão. Funda, então, o Horto Botânico no sopé a Serra da Cantareira, hoje sede do Instituto Florestal.

Além de competente cientista, torna-se apaixonado ambientalista, denunciando a destruição da Mata Atlântica, já acelerada no começo do século.

O legado de Löefgren, o Instituto Florestal, estendeu-se por todo o Estado de São Paulo e hoje administra 81 unidades, com uma área de aproximadamente 850.000 hectares. Nestas unidades preserva o que restou da outrora rica biodiversidade deste Estado e a Instituição guarda esta herança comum, com zelo quase religioso; uma obstinação secular.

Amanhã estaremos inaugurando no Instituto Florestal o monumento ao jequitibá: a árvore símbolo de São Paulo e ao mesmo tempo Árvore da Fraternidade Nacional.

Senhores Congressistas: lhes desejo um proveitoso trabalho e um convívio fraternal.

(1) Diretor Geral do Instituto Florestal e Presidente da Comissão Organizadora do 2º Congresso Nacional Sobre Essências Nativas.

MENSAGEM INAUGURAL

Alaôr Caffé ALVES¹

Minha primeira palavra, como Presidente do "2º Congresso Nacional sobre Essências Nativas", é a saudação fraterna da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, de São Paulo, a quantos se reúnem esta semana para colocar em comum, através de diferentes modalidades de trabalho, as retrospectivas e as prospectivas que acumularam no trato com a biodiversidade.

Guindando à condição de estratégia para a sobrevivência, este fator transcende o mero equilíbrio dos ecossistemas locais para referir-se à estabilidade da espaçonave Terra que, na atual fase da sua história, experimenta muito mais comoções de ordem biológica do que astronômica. Por conseguinte, vejo nos trabalhos que ora iniciam um sentido superior de respeito à vida e à função dos seres vivos. Do infusório aos grandes biomas que constituem o ecossistema planetário, a biodiversidade também cresce em seu significado para o mundo do amanhã, desde que os avanços da biotecnologia e da engenharia genética começaram a descerrar os horizontes de um futuro até então impossível.

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente associa-se, assim, aos sentimentos e às ações dos participantes deste evento, abrindo seus espaços, confiando suas experiências e oferecendo o resultado do seu trabalho como contributo modesto ao gerenciamento e desenvolvimento das essências nativas.

Neste momento, quero também partilhar com todos os presentes minha dupla satisfação: a acolhida de São Paulo como sede do Congresso e a declaração, por parte da UNESCO, do "Cinturão Verde" de nossa metrópole como reserva da biosfera, fato este de especial significado para o evento que ora inauguramos. É um novo impulso que anima a história ambiental do estado. Seu litoral conheceu desde o início da colonização, os conflitos das atividades antrópicas com o meio ambiente, que traduziram em diferentes tipos de ocupação desordenada e, no correr do tempo, se estenderam pelo nosso espaço geográfico, planalto adentro. A Mata Atlântica foi vítima de deplorável predação ao longo de quase quinhentos anos e está reduzida a amostras - ainda que valiosas - do que foi a cobertura vegetal do estado séculos atrás. Mas, hoje, para além das lamentações, há uma ação desafiadora a empreender. Por isso, minha palavra de saudação e acolhimento é reforçada pelo otimismo, pela certeza de que o estado de São Paulo saberá superar as devastações do passado com ação decidida no presente, em prol de futuro melhor que começamos a construir.

UM CONTEXTO

Vivemos a era da geobiologia, da geoeconomia, e da geopolítica. A visão paroquial dos problemas da vida vai se abrindo para horizontes ambientais globalizantes, de tal forma que as fronteiras da técnica, da ciência, da cultura e, até mesmo da política, sofrem alterações de toda ordem. Desse parto difícil deve nascer novo tipo de civilização. Por isso, os temas e as ações máximas que interessam à espécie humana questionam a competência de foros limitados para tratá-las, por mais privilegiadas que sejam. A próxima realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, atesta, conquanto implicitamente, esta assertiva. Por conseguinte, não poderíamos omitir-nos perante assembléia tão representativa nem calar nossas justas inquietações. O temário deste Congresso deixa bem clara nossa posição ao mesmo tempo que traz ao debate a conservação da biodiversidade como estratégia de sobrevivência.

Com efeito, desde a investigação da estrutura e das funções dos ecossistemas até os limites atuais do desenvolvimento sócio-econômico, a biodiversidade é um pleito do mundo natural e passa a ser, também, um imperativo para a sociedade humana. Sob o ponto de vista ecológico, a biodiversidade é uma forte característica dos biomas brasileiros, até mesmo daqueles que parecem mais sofridos, como é o caso da caatinga, que abriga a maior variedade de plantas conhecidas no Brasil (entre 15 e 20 mil espécies), e aparece como uma das mais importantes áreas secas tropicais do planeta. Mas, a biodiversidade é um fato complexo, incluindo sempre, e conjuntamente, três aspectos: a riqueza das espécies devida à multiplicidade de características de cada uma; a diversidade das espécies que diferem entre si; e a heterogeneidade espacial relacionada à diversidade de habitats que ocupam determinada área. Há um nexo profundo entre os biomas e seus respectivos ecossistemas, de modo que a biodiversidade é fator importante para o equilíbrio interno destes últimos. Sob o ponto de vista do desenvolvimento humano, a biodiversidade é condição natural e insubstituível para a produção de bens e satisfação de necessidades várias. O comprometimento do estoque genético reduz progressivamente recursos alimentares e medicinais, sem que precisemos mencionar outros usos. Em qualquer hipótese, porém, a biodiversidade da flora e da fauna se condicionam mutuamente. Assim, também, a biodiversidade natural e o desenvolvimento sócio-econômico devem condicionar-se reciprocamente.

(1) Secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e Presidente do Congresso.

ALGUMAS AMEAÇAS À BIODIVERSIDADE

Patrimônio tão valioso, todavia, está sob ameaças constantes e - o que é pior - crescentes. Os países dotados de biodiversidade, e que dela mais necessitam, não sabem cuidá-la. É um pouco o que acontece entre nós. Isto pode até parecer ironia do destino. Não podemos aceitar esse determinismo canhestro, embora aceitemos que até o presente não temos dado demonstrações cabais de nossa capacidade para gerenciar os próprios recursos.

Desmatamentos sem controle alimentam a sofreguidão das moto-serras, como as queimadas impiedosas nutrem o fogo insaciável, mesmo a pretexto de limpeza de pasto para se implantar a pecuária extensiva, a chamada "Cultura da Pata do Boi". As fronteiras agrícolas empurram para o âmago de grandes ecossistemas correntes migratórias inconscientes com sua agricultura predatória, ou então, semeiam florestas homogêneas e extensas monoculturas, sendo ambos os empreendimentos a negação mais ostensiva da biodiversidade. A demanda da biomassa e o consumo energético fazem desaparecer celeremente grandes quantidades de recursos naturais. Alteram-se os habitats, reduzem-se de maneira impressionante dezenas ou centenas de espécies vivas. A recomposição de dados a partir do século XVII nos dá conta do desaparecimento de 724 espécies e, mais recentemente, entre os anos 1900 e 1950, 60 mamíferos e aves se extinguíram; na Mata Atlântica, calcula-se que 50% das espécies desapareceram em consequência de modificações nos habitats.

Nenhum dos grandes ecossistemas e biomas brasileiros escapa ileso à sanha predadora, embora alguns deles ainda se protejam, em parte, com a aspereza das suas condições naturais. O litoral, a Mata Atlântica, o domínio das Araucárias, os pampas e pradarias, a caatinga, o cerrado, o Pantanal Mato-Grossense e a Floresta Amazônica - cada qual com sua força e vulnerabilidade, conhece o resultado das ações antrópicas. Não podemos escamotear que, em grande parte, as ameaças à biodiversidade decorrem de ações ou omissões políticas associadas a interesses meramente econômicos, mas poderosos. E não é desconhecido o peso de capitais alienígenas em determinados casos de exploração criminosa dos recursos ambientais.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A estratégia do desenvolvimento sustentável aponta-nos opções as mais diversas para prevenir agressões e assegurar a conservação da biodiversidade. Seria longa a listagem; porém, muitos dos trabalhos do Congresso voltarão ao tema. Contento-me, pois, de exemplificar essa política com algumas sugestões.

A produção florestal é, reconhecidamente, um empreendimento básico para manter ou recuperar a biodiversidade como fator complementar entre flora e fauna. Em se tratando de essências nativas, não é demais privilegiar nossas próprias espécies, sem com

isso descurar as espécies exóticas que tem ou podem ter significado para as nossas atividades ecológicas e econômicas. O Projeto FLORAM visa a incrementar florestas para o meio ambiente, racionalizando o reflorestamento com matas nativas heterogêneas e plantações homogêneas para fins industriais; além disso ele tem em conta a melhoria das condições climáticas e o aprisionamento do gás carbônico proveniente do uso de combustíveis fósseis e queimadas florestais, que vem acelerando o efeito estufa.

Outro item seria a recuperação de áreas degradadas e o manejo das áreas naturais remanescentes. Se ampliamos o raio de ação desta proposta, alcançamos a reformulação da política de reservas e parques nacionais, revitalizando-se assim o papel do sistema nacional de unidade de conservação. Nesta mesma linha de ação se pode pensar em criatórios destinados à exploração econômica de espécies animais dentro do seu próprio ecossistema, garantindo-se que a "taxa de desfrute" mantenha o equilíbrio nas relações da espécie com o seu meio e impedindo-se que variações profundas no número de indivíduos venham a pôr em risco as condições ideais dos ecossistemas. Tais propostas não se confrontam com a abordagem mestra deste evento, que são as essências nativas, uma vez que a preocupação holística certamente estará presente em nossos debates.

INDICAÇÕES ESPECIAIS

Creio oportuno assinalar alguns pontos nevrálgicos no tocante à conservação da biodiversidade como estratégia de desenvolvimento nacional. Antes de qualquer outra medida inovadora, faz-se mister promover amplo debate de políticas governamentais gestadas ou em gestação em todas as esferas do poder público, as quais, de uma forma ou de outra, dizem respeito à conservação da biodiversidade. Sem essa integração harmoniosa e compromissada reduzem-se os ideais comuns e prejudicam-se os resultados; das pequenas reservas locais aos grandes biomas há sempre algum encadeamento a ser considerado, porque a parte está no todo como o todo está nas partes.

Devo enfatizar ainda, neste ensejo, a questão da propriedade intelectual sobre recursos genéticos. É sabido que os países tropicais, ricos em biodiversidade e carentes de desenvolvimento científico e tecnológico, não podem sozinhos movimentar ou incrementar pesquisas em cima de seus bancos genéticos. No entanto, perante os demais países cabe-lhes a tarefa específica de zelar por um patrimônio natural que interessa à comunidade das nações. É justo, pois, que tenham acesso privilegiado aos resultados das pesquisas e que sejam compensados aos direitos similares aos da "Lei de Patentes". Este é um pleito muito justo; contudo, os países dependentes nem sempre podem reivindicar com eficácia junto às economias dominantes. Este item se presta, sem dúvida, a uma interessante agenda das Nações Unidas, já por ocasião da Rio-92.

Por fim, o despertar da consciência ecológica em âmbito planetário nos leva a reafirmar - oportuna e inoportunamente - a necessidade da educação ambiental como formadora de idéias e de hábitos destinados a secundar as políticas de conservação da biodiversidade. Não nos basta que a ação da política florestal previna e fiscalize as agressões aos ecossistemas, notadamente à flora e à fauna. O relacionamento do ser humano com o mundo natural deve nascer de uma atitude de compreensão e amor, não do medo ou da cominação. Desde quanto tem sido conhecida, porém, a natureza humana tem estas duas facetas (amor e agressão), o que torna inelutável a ação policiadora como subsídio a ação educadora, pelo menos até que as sociedades amadureçam e sintam-se plenamente solidárias com a vida sobre a Terra.

Encerro, Senhoras e Senhores, esta mensagem de abertura dos nossos trabalhos. Não será excessivo reafirmar a satisfação de estarmos empenhados numa ação conjunta de grande alcance. Nossos esforços conjugados em função de causa tão nobre não se somam apenas: eles se multiplicam. Basta esta esperança para que nos sintamos sobejamente recompensados de tantos custos e fadigas, pois acreditamos que amanhã o mundo poderá ser mais natural e mais humano.

